

XXII Congresso da AJB

6 a 9 de novembro de 2014

Búzios – IJRJ

“A imagem da criança na pintura brasileira: aspectos de luz
e de sombra”

Denise Maia

... “onde a mão do artista ilumina a paisagem da infância brasileira em matizes e passagens, do Brasil-menino ao seu moleque destino”.

Fátima Miguez

“O motivo da criança é uma representação simbólica do aspecto infantil da psique coletiva, em estado pré-consciente”.

As primeiras imagens da criança brasileira foram feitas por artistas e pintores europeus que viajavam pelo interior do Brasil, registrando o cotidiano de um país recém-descoberto. E assim foram retratados os índios e suas crianças, permeando todos os aspectos da vida de inúmeras tribos; artefatos, plumagem e pintura corporal, mostrando a riqueza simbólica representativa da criatividade e habilidade do primeiro povo brasileiro.

No século XIX com a vinda da família real e a chamada Missão Artística Francesa, imagens de crianças aristocráticas foram sendo registradas, assim como os negros em seu trabalho e em cenas da vida diária.

As primeiras representações da infância brasileira, pouco refletiam nossa raiz e mestiçagem. Eram retratos das crianças da corte, burguesas e com ar europeu.

Embora entendamos a infância hoje, como uma importante etapa na vida das crianças, até 1800 ela era apenas uma fase de transição, menos interessante do que a árdua preparação para as provações e responsabilidades da vida adulta. As crianças não eram percebidas como pessoas com potencial e necessidades afetivas e cognitivas que evoluem muito rápido, à medida em que se desenvolvem.

Desta forma, nas pinturas mais antigas, as crianças eram frequentemente retratadas como uma miniatura dos adultos, ou com

exuberantes e pesadas vestes, trajes aristocráticos. Por vezes os meninos e meninas não ficavam claramente diferenciados pois ambos os sexos trajavam vestes longas, aventais com babados, plumas e jóias.

Como a arte traduz o imaginário de uma época, podemos a partir de sua representação compreender o que as imagens refletiam:

- quem eram as crianças retratadas.
- a maneira como seus pais desejavam que fossem vistas.
- os interesses pessoais, políticos e sociais envolvidos.

Logo que as crianças pequenas adquirissem uma certa autonomia, eram logo misturadas aos adultos. Não havia uma abordagem afetuosa da infância, mas um sentimento de "paparicação" para com elas, quase como se fossem um animalzinho de estimação.

A amamentação muitas vezes era associada a um trabalho exaustivo e por isto delegado à mão-de-obra escrava. Assim a ama-de-leite estava presente no período de lactação.

Um das primeiras imagens pictóricas de crianças realizadas por artistas brasileiros, foram anjos que representavam a alma e que não mais vinham envoltas em crueiros, mas na sua real nudez .

- com as missões jesuíticas, a arte sacra começa a surgir, trazendo temas religiosos, imagens de santos e as primeiras pinturas sobre a

madeira.

A arte barroca brasileira contou com poucos pintores, e um deles foi Ataíde, com imagens da Nossa Sra Negra e anjos. Eram pinturas de arte decorativa nas igrejas, cujas imagens de crianças gordinhas traziam auras e feições angelicais, com olhares bondosos e serenos.

Da iconografia religiosa, surgem as pinturas da infância sagrada na imagem do menino Jesus, passando a criança a se tornar uma das imagens mais frequentes na tela.

A escola passa a fazer parte da vida da criança que não mais aprende somente em casa na convivência com adultos. Os pais começam a se interessar mais pelos estudos de seus filhos.

A família torna-se um lugar de afeto, como não acontecia até então.

Cada vez mais vai surgindo um novo sentimento familiar e mais particularmente entre mães e crianças, cuja relação passa a ser tema importante e se torna presença especial na arte pictórica.

As crianças passam a ser representadas também sozinhas e as famílias cada vez mais desejam retratar seus filhos.

Com a chegada do séc. XIX, o fascínio pelas crianças, apenas por serem crianças, se torna aparente, marcando uma mudança fundamental nas atitudes e nas imagens expressas nas telas, com poses mais naturais e roupas mais leves e simples.

O mundo das crianças e dos adultos vai tendo características próprias e distintas e se tornando separados, numa compreensão mais próxima ao conceito moderno da infância (final do séc.XIX).

No início do séc. XX, surge o impressionismo e depois o neo-impressionismo no cenário artístico brasileiro, acontecendo um distanciamento das influências acadêmicas e neoclássicas.

Os principais representantes deste movimento, são Almeida Jr, Eliseu Visconti, Antonio Parreiras, Vicente do Rego Monteiro e Rodolfo Amoedo entre outros, em cujas telas a infância se faz presente, numa representação pictórica das cenas simples do cotidiano e da vida rural, com efeitos cromáticos de luz.

“Ah, desde que eu consinta minha infância, aí está você, tão viva, tão presente.

Firmamento de vidro azul, árvore de folha e neve, rio que corre, para onde estou indo?”

Poeta Plisnier

O investimento dos pais nos filhos, seja afetivo e/ ou econômico, é um fenômeno recente nas sociedades atuais.

As crianças foram colocadas à margem da família e da sociedade; por vezes morriam nos primeiros anos de vida, ou quando sobreviviam eram

educadas desde cedo para cumprirem tarefas na comunidade. Eram também vistas como seres inferiores, frágeis, tendo por vezes que serem afastadas do convívio coletivo.

Com a revolução industrial e a influência de vários campos de conhecimentos, vai acontecendo um maior investimento na medicina e na educação, com uma ampliação do olhar para a infância.

A criança passa a ser vista dentro de sua própria realidade, com necessidades específicas e diferenças individuais, distintas dos adultos.

Ela passa a ter seus próprios desejos, limites e possibilidades.

No Brasil acontece a partir de 1922, a semana de arte moderna, trazendo o resgate de valores genuinamente nacionais.

Nas diversas fases do modernismo, surgem artistas que foram consagrados, e em cujas telas as crianças, a infância e seu aspecto lúdico foram bastante representados:

“A criança e seu olhar inaugurador do mundo...

será a infância uma tela que como uma janela está sempre aberta em busca de uma nova descoberta?”

São referências desta época, eternizando-se em suas telas:

Tarsila do Amaral

Cândido Portinari

Mílton da Costa

Di Cavalcanti

Orlando Teruz

As telas independentemente de seus autores, falam do mundo da criança: sua casa, vizinhança e brincadeiras.

“É preciso olhar o presente das crianças, enriquecer suas vidas, atender às suas necessidades para que se tornem adultos felizes”.

A partir do imaginário coletivo expresso na pintura, pode-se percorrer a história da infância através de sua mítica e da atmosfera lúdica, ressignificados pelos traços do artista.

Observa-se a importância da criança no sentimento brasileiro e na estrutura da família tal como em nossa terra a entendemos e como é vista e pensada através dos tempos.

Muitos temas foram abordados e pudemos acompanhá-los registrados nas telas: a mãe preta, a mãe índia, a criança que brinca, que trabalha, que estuda, a criança índia, negra, branca, sertaneja, burguesa, mulata; a família, o folclore, as brincadeiras - os espaços lúdicos, públicos, ao ar livre, hoje tomados pela marginalidade e pelo abandono nas grandes cidades. As imagens reconstituem este lugar, trazendo o desejo e a

memória de um espaço para brincar que não existe mais.

As brincadeiras, como a roda, magia da cadência e do ritmo que estimula o princípio do coletivo com movimentos compartilhados.

A cabra-cega que ressignifica nos olhos fechados, a travessia iniciática da infância e o caminho pelo desconhecido a ser descoberto.

O circo, magia das ilusões, com palhaços, mágicos, condutores da alegria, liberdade e fantasia.

As brincadeiras falam da poética da infância, nos movimentos, na inventividade dos mais diversos personagens, representados pictoricamente na arte e na cor.

É o jeito simples em ambientes naturais, falando da criatividade e espontaneidade das crianças.

As primeiras imagens das nossas crianças, retratam o pequeno índio, em cujo rosto a brincadeira, o sorriso e a luz se faziam presentes.

Podemos pensar que a imaginação, a sensibilidade e a liberdade estavam preservados.

“Os caminhos da infância, da memória e da esperança, nem sempre incluem o lúdico e a brincadeira”

O arquétipo da criança divina tem expressão direta na alma humana, apontando o lúdico, o espontâneo e a presença de Eros. É o símbolo da

esperança e da potencialidade de vida.

A partir de 1500 com a colonização européia e a desvalorização de Eros, o feminino e a própria infância foram destinados à sombra.

Vimos através da linha do tempo da história, diversos momentos de rejeição à criança e depois um caminho de inclusão e resgate.

A infância, parte do processo de se tornar adulto, tem um papel fundamental como base estruturante permanente na formação psíquica de cada pessoa.

Num país marcado por tantas diferenças regionais, culturais e sociais, como podemos olhar a infância?

O que foi se propondo a partir da nossa história e como foi se expressando a imagem iconográfica da criança?

Segundo Mary Del Priore, as crianças brasileiras estão por toda a parte – nas ruas, nas escolas, nas praias. Seu destino é variado. Existem as que trabalham e as que estudam, as que são amadas e as que são abusadas. São muitos rostos, brancos, mulatos, negros e mestiços, muitas histórias...

Excesso de amor e dependência?

Falta de amor e abandono?

Criança ditadora?

Permissividade exagerada?

Carência? Exploração?

Especialistas em várias áreas têm estudado o perfil de nossas crianças, com referências no passado e o seu olhar no presente – uma realidade confusa, por vezes como hoje hiperativa, onde a criança não tem tempo para ser criança – brincar, fantasiar.

No catálogo de uma exposição o ano passado no Moma, cujo tema era “O século da criança”, observei relatos que falam de uma outra imagem da criança:

Hoje no mundo contemporâneo, a diferença entre criança e adulto é eliminada pelo desenvolvimento da sociedade tecnológica e o acesso irrestrito à informação. A criança vivencia situações do mundo adulto, antecipando experiências – falta de noção e limites, estresse, compulsão e voracidade .

Vem acontecendo um olhar exagerado voltado às crianças, que passam a ser o centro das atenções. Há uma inversão do passado e o espaço mercadológico não “descobre” a infância, mas produz a infância consumidora.

Ao longo da nossa história, o papel das crianças nas estruturas familiares foi mudando, assim como a família foi sofrendo profundas transformações.

Brasil, país missigenado, com realidades opostas coexistindo: educação

oferecida para poucos – há crianças que podem estudar e serem cuidadas pelos pais, outras que para complementar o orçamento familiar, precisam trabalhar. Quantas crianças perambulam pelas ruas fazendo bicos e pedindo esmolas nas grandes cidades?

Meninos de rua, pivetes, vagabundos...

Como escutar e atender à esta população infantil em seu "vir a ser"?

A criança merece ser cuidada e ouvida. Só assim a imagem da criança é trazida à luz.

Segundo Magali dos Reis, há uma leitura de imagens sobre a infância em artistas como Visconti, Segall, Tarsila, que não correspondem à situação real.

São imagens idealizadas e românticas, como se desejaria que a infância fosse: lúdica, pueril, ingênua e vibrante, diferente do que muitas vezes se observa, revelando pobreza, tristeza, dor e fome.

A infância por vezes é marcada pelo sofrimento.

A arte que espelha as desigualdades do país, aponta também um outro universo que carrega outra concepção da infância. Ao país jovem, criativo e em crescimento, misturam-se outros atributos que também qualificam nosso povo: desesperança e dor – um país repleto de dificuldades.

A partir da modernidade, no séc. XX, surge nas telas, um sentimento de

compaixão pelo sofrimento da criança: a solidão, o abandono e a dor passam a ser retratados.

Assim, vai acontecendo uma mudança, cuja percepção traz a compreensão do lado sombrio e a empatia com a dor. Este é um processo lento, cujo sofrimento está muito presente, na alta mortalidade infantil, no desamparo e nos maus tratos.

Qual é a imagem de cada criança retratada?

É de luz ou de sombra?

Idealizada ou real?

Somente a compaixão humana é capaz do resgate através da consciência, tornando assim possível a ativação do potencial integrador do Self.

O processo de individuação e amadurecimento que acontece a partir da segunda metade da vida, já está presente na infância e é de vital importância.

O motivo da criança pode assumir os mais diferentes sentidos simbólicos também na psique do adulto: a infância vivida, as raízes emocionais e instintivas muitas vezes esquecidas – símbolo direto do vir a ser, das possibilidades futuras e da capacidade de renovação.

É uma imagem arquetípica e simbólica rica de significados para a nossa própria vitalidade e desenvolvimento, o que constela uma abertura para

as mais diversas dimensões da experiência humana. Como símbolo da união dos opostos, representa a totalidade.

“Os retratos falam da infância que há dentro de nós”.

Como uma realidade simbólica e poética, a criança interior aparece em nossa imaginação representando o receptáculo da nossa história pessoal e o símbolo de nossas possibilidades criativas.

“Dentro de nós, ainda dentro de nós, sempre dentro de nós, a infância é um estado de espírito”.

Bachelard

“Em todo adulto espreita uma criança eterna, algo que está sempre vindo a ser, que nunca está completo e que precisa de cuidado, com atenção e educação constantes.

Esta é a parte da personalidade que quer se desenvolver e se tornar completa...

A criança representa a pulsão mais poderosa do ser, a de se auto – realizar”.

Jung

